As traduções d'*Os Lusíadas* na Polónia ou a revisitação de Camões entre «os Sármatas» e «os Polónios» (questões históricas, culturais e sociopolíticas)
The translations of *Os Lusíadas* in Poland or the revisiting of Camões between «os Sármatas» and «os Polónios» (historical, cultural and socio-political issues)

ANNA KALEWSKA¹

Resumo: O poema épico *Os Lusíadas* (1572), de Luís Vaz de Camões, gerou cópias, imitações e traduções, entre elas a primeira tradução polaca: *Luzyada*, de Jacek Idzi Przybylski (Cracóvia, 1790). O poema tem o poder de levantar questões culturais, sociais e políticas, tornando-se um ponto de partida para a formulação de várias teses em diferentes épocas. A obra de Camões é um pretexto para a meditação sobre o passado da Polónia, na época do Romantismo e hoje. Camões convida-nos a uma viagem imaginária ao baluarte da Cristandade de Leste, contando não somente aquilo que aconteceu na época dos Descobrimentos, como rumando também àquilo que podia ter acontecido na Europa de Leste, aberta a uma viagem imaginária realizada em várias perspetivas metodológicas: história, literatura, crítica literária, história das ideias e tradutologia.

Palavras-Chaves: *Os Lusíadas*; Camões; tradução; receção; Polónia.

Abstract: The epic poem *Os Lusíadas* (1572) by Luís Vaz de Camões generated copies, imitations and translations, in between them the first Polish translation: *Luzyada* by Jacek Idzi Przybylski (Cracow, 1790). The poem has the power of to raise cultural, social and political questions, becoming the starting point for various theses in different epochs. The work of Camões is a pretext for a meditation about Poland's past in the epoch of Romanticism and today. Camões invites us for an imaginary journey to the Christian rampart of the East, telling not only what had happened in the epoch of the Discoveries, but also what might have happened in the Eastern Europe cultural space open for an imaginary journey coursing various methodological perspectives: history, literature, literary criticism, history of ideas and traductology.

Keywords: *Os Lusíadas*, Camões; translation; reception; Poland.

¹ IEIel — Instituto de Estudos Ibéricos e Iberoamericanos, Faculdade de Novas Filologias, Universidade de Varsóvia, 00-227, Varsóvia, Polónia.

Nunca será de mais reparar no processo de canonização de Camões, tão rápido na sua génese como firme no seu devir. Bem se sabe, para lá da «velha moda» a que aludiram Oliveira Martins e Eduardo Lourenço, canonização significa inclusão num cânone — um conjunto de obras e autores que, tidos por modelares ou representativos, recebem, nessa qualidade, especial destaque. Públicos ou privados, os cânones variam, sincrónica e diacronicamente. Daí que, neste universo sujeito a mudança, um fenómeno de longa persistência mereça nota e suscite reflexão. Camões cedo ganhou estatuto extraordinário. A sua imagem, na ótica de admiradores confessos (Manuel Correia, Pedro de Mariz, Diogo do Couto...), assemelhou-se à de míticos artistas, *nati sotto Saturno*, dotados de um estupendo *ingenium* criativo ou da fecunda e misteriosa *terribilità* própria dos melancólicos [...]. Sinais da exaltação que no século XVII fez avultar uma ideia: a *Os Lusíadas* era devido respeito. Eis o tópico a explorar. (Almeida, 2018: 9)

1. Camões (des)conhecido ou uma vida cheia de pontos de interrogação

Sabemos muito pouco sobre a vida de Luís Vaz de Camões (n. em Lisboa, c. 1524 — f. em Lisboa, 10 de junho, c. 1579/80). A biografia do autor d'*Os Lusíadas*, de umas duas centenas de sonetos, de poemas de mote e glosa e de muitos versos escritos em medida velha (alguns bastante conhecidos, como a famosa rondilha «Super flumina Babylonis») continua a revelar-se cheia de mistérios. Sabemos por certo que Camões esteve na Índia por longos anos, escreveu o poema épico sobre a viagem dos Portugueses à Índia, regressou a Portugal por volta de 1569, publicou *Os Lusíadas* em 1572, recebeu uma tença do rei D. Sebastião e

terá morrido em 1579/80. O herói desta epopeia é coletivo — os lusíadas ou os filhos de Luso, mais precisamente os portugueses-protagonistas da epopeia moderna e nacional.

Camões terá vindo ao mundo em 1524, com toda a probabilidade em Lisboa, numa família da pequena nobreza, filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá. A abundante bagagem cultural de que era dotado foi absorvida em Coimbra, no Mosteiro de Santa Cruz, onde terá recebido uma sólida educação clássica. Poderá ter estudado na Universidade de Coimbra. Frequentou a corte de D. João III, iniciando lá a sua carreira de poeta lírico e envolvendo-se em amores com várias damas.

Luís Vaz de Camões, no seu perpétuo «contentamento descontente», nutriu paixões turbulentas por várias mulheres ao longo da vida: uma delas terá sido D. Maria, a irmã do rei D. João III ou, mesmo, a filha mais jovem do rei D. Manuel, aquela por quem o poeta terá «perdido a pena» e caído, «voando a uma alta torre». Refere a lenda que ambos viveram um amor platónico, impedido de ser consumido pelas diferenças sociais que os separavam. Conta-se também que o poeta, dificultado no exercício de uma lógica imparcial, podia nutrir uma paixão por D. Violante de Andrade, mulher de D. Francisco de Noronha, conde de Linhares. Este sentimento terá sido correspondido: Violante havia casado por conveniência com um homem muito mais velho, por isso decidiu atender à paixão juvenil de Camões. Quando o romance com Violante

terminou, logo o poeta se teria deixado encantar por D. Joana, uma das filhas do casal Noronha. Outra mulher que terá caído nos braços de Camões foi Catarina de Ataíde, uma dama da rainha a quem o poeta escrevia versos. Podia, até, haver três Catarinas com o mesmo nome: a neta de Vasco da Gama, a mulher de um nobre de Aveiro ou a filha de um nobre amigo da família de D. Vasco da Gama.

Diz-se também que, por conta de um amor frustrado, Camões autoexilou-se, primeiro no Ribatejo, depois em África (em Ceuta), alistado como militar, onde perdeu o olho direito numa batalha naval no Estreito de Gibraltar.

Em 1552, ainda em Lisboa, onde levava uma vida boémia e incerta, Luís de Camões terá agredido, num duelo travado no dia de *Corpus Christi* com um oficial da corte de D. João III, Gonçalo Borges. A seguir, conta-se que esteve na cadeia de Tranco, em Chaves, durante um ano, antes de viajar para a Índia. No Oriente, Camões enfrentou uma série de adversidades, foi preso várias vezes, combateu ao lado das forças portuguesas contra os muçulmanos, realizando o tópico do poeta-soldado com uma pena na mão e uma espada na outra. No Oriente (seria em Goa ou em Macau², numa gruta?), Camões escreveu a epopeia nacional e marítima *Os Lusíadas*.

² Diz a tradição que Camões terá escrito uma parte d'*Os Lusíadas* numa gruta de Macau, que mais tarde recebeu o seu nome. Em 1562-1564/65, em Macau, Camões

Ilustração 1 — Camões por Fernão Gomes, *Retrato pintado a vermelho*, c. 1578. Wikimedia Commons.

O Oriente parecia ser ainda mais incerto do que a Metrópole. Por isso, Camões voltou para Lisboa à conta de amigos, como Diogo de Couto³ — o historiador português, que lhe pagou a viagem de retorno à pátria, realizada em 1568-1569. O poeta vinha com um rolo d'*Os Lusíadas* na mala, sentindo «Saudade! Gosto amargo de infelizes. / Delicioso pungir de acerbo espinho», como escrevia Almeida Garrett (2007: 2) no canto primeiro do longo

exerceu a função de provedor-mor dos Defuntos e Ausentes.

³ Diogo do Couto (c. 1542-1616) foi continuador das *Décadas* de João de Barros; escreveu as *Décadas* da IV à XII, sem chegar a publicá-las todas; entendeu que a história deve contar a verdade sem restrições, sofrendo represões por ter criticado os abusos, a corrupção e a violência na Índia. No *Diálogo do soldado prático*, Diogo do Couto criticou mordazmente o funcionalismo português na Índia.

poema épico-narrativo *Camões*⁴, descrevendo o regresso do poeta à ditosa pátria sua amada. D. Sebastião ofereceu-lhe uma tença de 15.000 réis anuais, pagos sem a regularidade desejada, ao longo de 3 anos e permitiu a publicação do poema. Se o pagamento acontecesse a horas, Camões não teria passado fome e miséria.

Parece que D. Sebastião não cumpriu os prazos do pagamento da tença. Em 1578, a situação agravou-se com a morte do rei, a crise da sucessão e a subida ao trono de Filipe II de Espanha (Filipe I de Portugal). Julga-se que a saúde de Camões se deteriorou gravemente nessa data: se a peste lhe atacava o corpo, a perda da independência portuguesa corroía-lhe a alma. A desilusão era tão grande que, no leito (ou no «pobre catre»), Luís de Camões não só se contentou de morrer nela (i.e., na pátria ingrata), como também COM ELA expirou, «os olhos turvos para o céu levantando», como lemos no desfecho do canto décimo de *Camões* (Garrett, 2017: 125).

Depois das muitas aventuras que Camões protagonizou em África e depois na Índia, o poeta chegou a Portugal com um poema

épico de 1102 estrofes em oitava-rima⁵, que narravam a história de Portugal e a viagem de Vasco da Gama e da sua gente (os lusitanos ou «os lusíadas») até à Índia ou a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama⁶. Com o apoio de D. Sebastião — o poderoso rei «da Lusitana antiga liberdade» (*Os Lusíadas*, I, 6, 2)⁷ —, Luís de Camões publicou a obra em 1572. Reza a lenda que, ao sair da China, Camões sofreu um naufrágio junto à foz do rio Mekong, na costa do Camboja, que o obrigou a seguir a nado até à praia, usando apenas uma das mãos — para salvar *Os Lusíadas* com a outra, acontecimento heroico e quase trágico esse ocorrido em 1556, que lhe inspirou as célebres redondilhas «Sobre os rios que vão».

D. Gonçalo Coutinho, um fidalgo que mantinha uma amizade com o poeta, mandou construir uma lápide de mármore na Igreja de Sant'Ana, onde se diz que Camões teria sido sepultado para ficar perto do local onde viveu a mãe. A data verdadeira da morte de Camões terá sido descoberta quando os historiadores tiveram acesso ao documento que Filipe I de Portugal entregou a Ana Vaz

==

⁵ As oitavas camonianas são decassílabas heroicas (acentuadas na sexta e na décima sílabas), sujeitas ao esquema rímico fixo: ABABABCC — o padrão da oitava-rima camoniana.

⁶ À volta da viagem da tripulação de Vasco da Gama para Índia vão-se desenvolvendo vários episódios da história de Portugal.

⁷ Todas as citações d'*Os Lusíadas* são da edição de Silvério Augusto Benedito (Camões, 1988).

⁴ O poema épico-narrativo *Camões*, de Almeida Garrett, foi escrito em Paris, quando o autor se encontrava exilado naquela cidade, e publicado na cidade das luzes em 1825, sendo considerado o marco introdutório do romantismo em Portugal.

de Camões, a mãe do poeta, em que a morte do poeta é datada de 1580. O terramoto de 1755 destruiu o túmulo de Camões e os restos mortais do poeta perderam-se no espaço e no tempo.

A exaltação patriótica impunha-se pelo século XIX fora, tendo-se assumido que os ossos levados da Igreja de Sant'Ana para o Mosteiro dos Jerónimos eram as verdadeiras ossadas de Camões. O alegado esqueleto de Camões está depositado na ala sul do mosteiro, enquanto o lado norte foi reservado para Vasco da Gama — o protagonista individual d'*Os Lusíadas*. O Panteão Nacional (*situ* no edifício antigamente destinado para a Igreja de Santa Engrácia, em Lisboa) também tem uma arca tumular sem corpo como homenagem ao poeta, juntamente com os cenotáfios (i.e., os monumentos sepulcrais erigidos em memória de um morto sepultado noutra parte) do Infante D. Henrique e Pedro Álvares Cabral.

O que existe sobre Camões são quase só restos de especulação sem outro fundamento a não ser a imaginação dos primeiros biógrafos (Severim de Faria, Manoel Correa e Manuel de Faria e Sousa). O resto é especulação e lenda, o mito e a história, o cons-

ciente e o inconsciente da memória coletiva dos povos lusófonos, como também de alguns outros povos além e aquém da Taprobana. A história de Luís Vaz de Camões confunde-se com as memórias de um Portugal em expansão. O mito camoniano (percebido como a vida e a obra de Luís Vaz de Camões) está marcado com muitos pontos de interrogação, contextos culturais, intertextualidades e diálogos epocais. Quanto ao fenómeno d'*Os Lusíadas*, bem nos lembra Isabel Almeida, «importaria ainda respeitar a obra — letra e espírito — na leitura que dela se fazia» (2018: 10) em vários países da Europa.

Propomo-nos tratar da receção de Camões na Polónia (mais especificamente, das traduções polacas d'*Os Lusíadas*), numa abordagem positivamente transgressora e unificadora de um fenómeno tão velho como novo, que revisitamos 25 anos depois do 4.º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas decorrido na Universidade de Oxford, em 1994 (Kalewska, 1995, 2016), e analisamos em termos quer históricos, estéticos e culturais, quer sociopolíticos, procurando relacionar os vários pontos de vista e a metodologia baseada na crítica literária e na história de ideias.

Ilustração 2 — Polónia, século XVII. Wikimedia Commons.

Segundo esta conceção, a história literária escrita em língua portuguesa abrange não só a Europa, o Brasil, a África e a Ásia, mas também todas as épocas pelas quais passou a literatura lusa (ou traduzida do português), desde o Renascimento até aos nossos dias. Daremos assim expressão à ideia arraigada em velhas universidades europeias «da literatura como processo histórico, cujos frutos contemporâneos são o resultado de uma longa maturação, com origem em épocas muito remotas relativamente à nossa mas que não deixam de ter, ainda hoje, a sua importância», citando o prefácio do professor T. F. Earle ao ensaio de Philip Rothwell, *Camões ainda conta cópias em busca de originais* (s.p.).

Quando Camões se dirigiu aos heróis portugueses (invocando «os Barões assinalados») que deixaram a terra firme «da Ocidental praia Lusitana» (*Os Lusíadas*, I, 1-2) para dar «novos mundos ao mundo» entre os «mares nunca antes navegados» (I, I, 3), não tinha a noção de que não somente ele próprio iria fazer parte daqueles que fizeram «mais do que prometia a força humana» (I, I, 6), libertando-se «da lei da Morte» (I, 2, 6), como também iria despertar o vivo interesse entre os «Polónios» e os «Rutenos», i.e., os polacos e os eslavos da Europa Central e de Leste referidos no canto terceiro d'*Os Lusíadas*:

Entre este Mar e o Tánaís vive estranha
Gente, Rutenos, Moscos e Livónios,
Sármatas outro tempo; e na montanha
Hircínia os Marcomanos são Polónios.

Sujeitos ao Império de Alemanha
São Saxonos, Boémios e Panónios
E outras várias nações que o Reno frio
Lava, e o Danúbio, Amasis e Álbis Rio.
(*Os Lusíadas*, III, 11; Camões, 1988: 120)

A obra épica de Luís Vaz de Camões, o poeta nacional de Portugal, considerado uma das maiores figuras da literatura lusófona e um dos grandes poetas da tradição ocidental,

teria entrado em contacto com a cultura da Polónia? *Os Lusíadas* tiveram sempre o poder misterioso de levantar questões identitárias e cívicas, históricas e mitológicas, inclusive políticas e sociais. Para nós, é importante saber quais as possibilidades do passado que permanecem em aberto, e o que deve ser abandonado (ou continuado) como história (Rothwell, 2015: 22).

Ilustração 3 — Capa da 1.ª edição d'*Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, 1572.

As biografias em verso ou mesmo as adaptações da vida de Camões para o teatro (Kalewska, 2009, 2019), mais do que os cantos d'*Os Lusíadas*, foram reescritas muitas vezes, assim como de uma forma mais geral a vida e a obra de Camões, tornando-se ponto de partida para a formulação de várias questões importantes na época das chamadas três partilhas da Polónia (1795-1918) entre os vizinhos prepotentes: Rússia, Alemanha e o Império Austro-Húngaro.

2. Camões entre os «Sármatas [d'] outro tempo» e «os Polónios»

Luís Vaz de Camões e *Os Lusíadas*, fazendo parte de um sistema cultural renascentista construído sobre o mito antropocêntrico da viagem e descoberta, passaram a ser acolhidos na Europa culta como um legado cultural de interação entre a imitação histórica e o fingimento mitológico (Rothwell, 2015: 9). Na Polónia — assim como na Alemanha — a receção d'*Os Lusíadas* ocorreu numa atmosfera literária pré-romântica. O poema épico de Luís Vaz de Camões e, sobretudo, a vida conturbada do poeta português, foram uma das referências constantes da literatura polaca nos finais do século XVIII e ao longo do século XIX. Assim como Camões codificou n'*Os Lusíadas* a consciência nacional de Portugal «como uma oscilação entre um império global e um ator europeu» (Rothwell, 2015: 9), na Polónia, o poeta luso revigorou a consciência nacional quanto à figura e à importância de um ser romântico, vate e profeta da sua nação,

entrando *Os Lusíadas* — por via erudita — no cânone da educação clássica. A vida desafortunada de Luís Vaz de Camões e a sua triste e mísera morte, conjugadas com o ardente patriotismo do poeta luso e vate do povo português, suscitaram uma grande e positiva emoção entre os poetas românticos polacos, uma empatia, um estado de alma congénere aos brados poéticos garrettianos, originando, por sua vez, um determinado tipo de criações. Seria excessivo afirmar que Camões terá entrado no sistema dos abusos ideológicos e das falsificações do significado primordial da *Vida del poeta* (Madrid, 1639), de Manuel de Faria e Sousa, e de *A vida de Camões* (1685), de Severim de Faria, mesmo que a sua obra tenha sido lida através ou em vez da sua obra épica. Dentro do mito patriótico relacionado com a vida de Camões, o poeta d'*Os Lusíadas* foi aceite como um poeta romântico polaco, merecendo também a tradução de um volume poético na década de 80 do século passado⁸.

Como tivemos a oportunidade de frisar no artigo publicado pela CompaRes (no volume *Iberian and Slavonic cultures: Contact and comparison*):

In the period of Romanticism in Poland (that is after 1822), the author of *Os Lusíadas* was invoked more often than the work itself. He came to be associated with

==

⁸ Em 1984 (com a reedição corrigida e aumentada em 2008), foram publicadas em Varsóvia as *Poesias escolhidas*

a romantic hero — a unique individual who has a gift of prophecy and can discover some divine, human and national truths. The author's life was thus regarded as an integral part of his writing [even though] the boundary between Camões' life story and *Os Lusíadas* was being blurred. [...] The life story would subsequently come to be re-mythologized in Poland, thus completing the model of the national romantic hero. (Kalewska, 2007: 29)

A biobibliografia camoniana gerou na Polónia múltiplas cópias, imitações e traduções, entre elas a primeira tradução polaca da *Luzyada Kamoensa*, czyli *Odkrycie Indyj Wschodnich* (*A Lusíada de Camões, ou a descoberta das Índias Orientais*), de Jacek Idzi Przybylski, publicada em Cracóvia, na tipografia de António Grebel, em 1790. A *Luzyada Kamoensa* ou *Os Lusíadas*, de Camões, na tradução polaca de Jacek Idzi Przybylski (1756-1819), bibliófilo, crítico literário, poeta e tradutor da *Eneida*, de Virgílio, da *Ilíada*, de Homero, e do *Paradise Lost*, de Milton, professor de Filologia Clássica na Universidade Jaguellónica de Cracóvia, tinha como modelo imediato a tradução francesa atribuída, por força da tradição, ao poeta, dramaturgo e crítico literário Jean François de La Harpe (1739-1803), cuja tradução de *La Lusiade*, do ano de 1776, Przybylski poderia ter encontrado aquando da sua grande viagem europeia empreendida em 1785. O próprio tí-

tulo em polaco: *Luzyada* veio, com toda a certeza, de *La Lusiade*, de La Harpe, inspirada por *La Henriade* (1728), o poema épico de Voltaire. Ao primeiro tradutor polaco d'*Os Lusíadas* dedicámos algumas palavras no I Congresso da CompaRes (realizado em Lisboa, em 2006):

Jacek I. Przybylski's *Luzyada* was written in thirteen-syllable verse lines; he did not preserve the division into octets, and the poem betrays the influence of Voltaire's *La Henriade* (1728). The translation was a pioneering work, being the only translation of Portuguese literature in Poland before the publication in 1911 of *Lettres portugaises*, which Stanisław Przybyszewski attributed to Mariana de Alcoforado. (Kalewska, 2007: 28)

Ilustração 4 — Capa da *Luzyada...*, 1.ª tradução polaca d'*Os Lusíadas*, de J. I. Przybylski, Cracóvia, 1790.

A tradução (melhor: a adaptação) d'*Os Lusíadas* como *Luzyada* por Jacek Idzi Przybylski foi realizada em verso alexandrino, sem observar a divisão em oitava-rima e mantida nos padrões

(*Poezje wybrane*) de Luís Vaz de Camões, na tradução de Józef Waczków.

do classicismo, transformando os nomes de divindades pagãs atuantes n'Os *Lusiadas*: Vénus, Jove, Baco, «Saturno e Jano, / Júpiter, Juno [...] fingidos de mortal e cedo engano» (X, 82, 1-3) em alegorias classicizantes para evitar o «mistifório de deuses» ou a mistura do cristianismo com o legado da mitologia antiga, criticada por Voltaire no *Essai sur la poésie épique* (1723). É duvidoso que o primeiro tradutor polaco d'Os *Lusiadas* soubesse a língua portuguesa. Poderia, possivelmente, ter cotejado a tradução de *La Lusjade*, de La Harpe, com a versão latina do poema camoniano (Kalewska, 1998). A publicação da *Luzyada* polaca foi prece-

dida pela dedicatória a Adam Stanisław Naruszewicz, bispo de Łuck, em verso encomiástico.

Na Polónia, devia circular também a tradução d'Os *Lusiadas* realizada por Duperron de Castera (1735), encontrada (assim como *La Lusjade*, de La Harpe) nas bibliotecas de poetas e de reis polacos da época do classicismo: o bispo «príncipe dos poetas polacos» Ignacy Krasicki (1735-1801) e o rei-mecenas das artes Estanislao Augusto Poniatowski (1732-1795), conhecido como Estanislao II Augusto, o último rei eletivo da Polónia (1764 -1795) antes da época das três partilhas do País.

3. Camões na Polónia entre a imitação e o fingimento

A primeira tradução d'*Os Lusíadas*, de Camões, a *Luzyada...* de Jacek Idzi Przybylski influenciou as duas gerações de poetas românticos polacos. A obra era lida e comentada pelo maior poeta polaco do romantismo Adam Mickiewicz (1795-1855), por Juliusz Słowacki brasão Leliwa (1809-1849), Cyprian Norwid (1821-1883), Seweryn Goszczyński (1801-1876) e alguns outros imitadores e intérpretes da vida de Luís Vaz, contada em verso ou mesmo em forma de drama, todas estas criativas imitações relacionadas mais com o mito da vida e morte do poeta português do que com a sua própria obra épica. Camões, como poeta glosado na Polónia, representou a viva encarnação do mito de Prometeu.

Maria Danilewicz Zielińska (1907-2003), grande conhecedora das relações entre a Polónia e Portugal no contexto de cultura ibero-eslava⁹, encontrou algumas influências d'*Os Lusíadas* no poema herói-cómico *História da batata (Kartofla)*, de Adam Mickiewicz, na

==

⁹ «Maria Danilewicz Zielińska was a renowned literary critic, expert and historian of Polish literature written in exile [...]. MDZ spent the last 30 years of her long and laborious life in Portugal, where she found favourable conditions to develop her work [...]. It was in Portugal

Na página anterior:

Ilustração 5 — O mapa da Polónia, partilhas 1772-1795. Wikimedia Commons.

Viagem para a Terra Santa de Nápoles (Podróż do Ziemi Świętej z Neapolu) de Juliusz Słowacki, e no poema «Navegação do poeta» («Żegluga Poety»), de Seweryn Goszczyński, tratando da vida e da obra do poeta épico português em sintonia com os juízos proferidos por Maria Strzałkowa i Józef Bachórz sobre o impacto d'*Os Lusíadas* na literatura polaca nas épocas do classicismo e do romantismo (Kalewska, 1999: 5 e segs.).

Ilustração 6 — Maria Danilewicz Zielińska (29-05-1907, Aleksandrów Kujawski, Polónia — 22-05-2003,

Quinta das Romãzeiras, Feijó). Escritora polaca, conhecedora das relações entre a Polónia e Portugal. Wikimedia Commons.

No entanto, reconhecemos na Polónia o valor poético d'*Os Lusíadas*, mas, acima de tudo, Luís Vaz de Camões foi admirado em virtude

==

that she put her principal works into definitive form. [...] Her latest book *Polonica portugalskie* (2005), published posthumously, reveals another facet of her interests that she regarded as a mere hobby and it justifies our evocation of her in the context of Slavonic-Iberian Cultures» (Kemnitz, 2007: 73).

do imaginário do seu currículo biográfico enquanto grande e desafortunado poeta, capaz de validar com a própria vida o significado das ideias apregoadas e sofrer saudades dilacerantes e a mais terrível morte pela pátria.

Unir a vida à obra do poeta no processo de leitura, levar a informação biográfica como *pars pro toto* da obra era, ao longo do século XIX, um processo corrente, positivamente desculpável e até aconselhado. Na Polónia, lia-se, antes de mais, o final da biografia camoniana como descrita por La Harpe, biografia essa inserida no «Avertissement» francês dirigido ao leitor. Nesta «Advertência» explicava-se o carácter épico da obra, assim como se informava o leitor sobre a história de Portugal e a tradução d'*Os Lusíadas* realizada por Duperron de Castera, dando-lhe a conhecer os resumos dos sucessivos 10 cantos camonianos.

Os Lusíadas/Luzyada... foram considerados na Polónia um poema exótico e um tanto esotérico no seu carácter guerreiro e marítimo, situando-se no polo oposto do tópico de Cincinnati, que pautava a imaginação coletiva e o subconsciente polacos, adversamente aos dos portugueses na época das três partilhas. Dentro do imaginário coletivo compartilhado na Polónia, no século XIX, pelos poetas épicos, líricos e dramáticos, jamais seria necessário abandonar o arado para pegar nas armas e nas letras numa praça ultramarina, mas sim, defender a Terra-Mãe com toda a força dos braços e das armas e invocando todas as

musas, inclusive as homéricas e as virgilianas, bem como as modernas e as estrangeiras, «se a tanto nos ajudarem o engenho e a arte» (*Os Lusíadas*, I, 2-8).

Por causa da alteridade do lugar-comum literário e do modo de vida prático em Portugal, na época do Renascimento (igual à viagem e à descoberta), e na Polónia, na época das «três partilhas» (1795-1918, igual à defesa inveterada da terra e ao apego ao solo e aos valores patrióticos), *Os Lusíadas*, mesmo traduzidos para o polaco, não tinham hipótese de substituir ou de colmatar a falta de um poema épico nacional polaco, função que era desempenhada pela tradução de *La Gerusalemme Liberata* (1581), de Torquato Tasso, ou pela sua tradução concebida entre nós como *Goffred albo Jueruzalem wyzwolona* (1618), de Piotr Kochanowski. Mesmo assim, o poeta lusitano tornou-se um epítome do herói e um dos importantes expoentes do romantismo polaco.

No entanto, Jacek Idzi Przybylski foi criticado pelas traduções rápidas, inexatas e, nalguns casos, até mutiladoras em relação ao original. Na sua (in)capacidade de tradutor d'*Os Lusíadas*, Jacek Przybylski omitiu a famosa oitava 82 do canto X, ou a palinódia dos deuses pagãos, provocando muitas «leituras transversais» (*misreadings*) no classicismo polaco. Um corte despiciente, que foi vingado na receção um tanto negativa pela crítica polaca da época, em dívida para com a opinião proferida por

Voltaire no famoso ensaio sobre a poesia épica, que se seguiu ao seu poema *La Henriade*. Passamos a citar a informação que desvendámos do seu tempo no foro da CompaRes:

However, Przybylski was frequently criticized for his hasty and defective productions, and it was not his contribution as translator that popularised Camões' poem. It was rather the fact that familiarity with *Os Lusíadas* as high, erudite matter became an indispensable element of literary education in Poland in early nineteenth century. Camões' work was read and analyzed in Polish schools of the pre-Romantic age. The poem was commonly regarded as a masterpiece with Camões as the foremost epic poet of modern Europe. It was seen as a mixture of Christian beliefs and Greek and Roman myths, and criticized under the influence of Voltaire [V.: «...on ne sera plus surprise que Gama dans une tempête adresse ses prières à Jésus-Christ, et que ce soit Vénus que vienne à son secours. Bacchus et la vierge Marie se trouveront tout naturellement ensemble. [...] A parler sérieusement, un merveilleux si absurde défigure tout l'ouvrage aux yeux des lecteur sensés»]. Those Polish pre-Romantic poets who analyzed *Os Lusíadas* (Filip Neriusz Golański, Franciszek Ksawery Dmochowski, Ludwik Osiński and Józef Korzeniowski) noted — following Voltaire — the «ridiculousness» of the *machine de merveilleux* (machine of the marvelous) and the original episodes, both those at sea and the lyrical ones, [praising] in par-

ticular the story of Adamastor and Inês de Castro. (Kalewska, 2007: 28)

Das traduções d'*Os Lusíadas* realizadas em polaco nos séculos XVIII e XIX, a de Jacek Idzi Przybylski contribuiu de um modo inquestionável para a remitologização da *life story* camoniana na Polónia, completando o modelo do poeta nacional já existente, o padrão do sofrimento assumido voluntariamente pela liberdade da pátria e pelo bem-estar, messiânico e redentor *tout court* da história da Polónia. Camões, considerado entre imitação e fingimento, como justamente sugeriu Philip Rothwell (2015: 9). Em virtude dos esforços analíticos e das interpretações, um tanto dispersas no tempo e no espaço, de estudiosos que se debruçaram sobre as relações luso-polacas, Camões codificou a consciência nacional da Polónia como uma oscilação entre o decaído império leste-europeu e um ator individual — o mártir da pátria e da fé cristã, irmão espiritual do protagonista de *O príncipe constante* (*El príncipe constante*), de Pedro Calderón de la Barca¹⁰.

Havia, pois, dois modelos do heroísmo camoniano seguidos na poesia polaca: um relacionado com o poeta-viajante e vate insubmisso aos fados adversos, outro relacionado com os últimos momentos da vida do poeta. Pas-

¹⁰ «Another historical event influencing both Polish and Iberian literature was the capture of the Portuguese Infant D. Fernando during the siege of Tangier

samos a citar *Iberian and Slavonic cultures: Contact and comparison:*

Polish Romantic poets stylised the Portuguese poet-cum-traveller in two characteristic dimensions: Camões as a poet and sailor, the example of rebellious, fearless, victorious and prophetic heroism (Seweryn Goszczyński); proclaiming romantic-revolutionary watchwords [...] and Camões as a forgotten, scorned genius, who is dying for his motherland and in a home for the ill and neglected poor, since being forgotten in one's lifetime was the lot of many great men (Ignacy Szydlowski, Fryderyk Halm and Julian Korsak); The Romantics, too, proclaimed the necessity to fight against political slavery, demanding the right of freedom for nation deprived of it, having been forcefully incorporated into powerful foreign state organisms, such as the Russian, Ottoman and Austrian empires, the Kingdom of Great Britain or Prussia; should also be added: the Spain of Kings Phillips from the Hapsburgs, which incorporated Portugal into the years of 1581-1640. (Kalewska, 2007: 29-30)

in 1437, his captivity and tragic death inspiring Calderón de la Barca to write his *El píncipe constante*. The theme that was taken in turn by a Polish Romantic playwright Juliusz Słowacki who, paraphrasing the drama, portrayed the hero as the *Untamed Prince* and presented his suffering as a means to appease the Almighty in a perspective closer to the grief felt by the Poles after the loss of their independence than the historical prototype of D. Fernando. Furthermore, Juliusz Słowacki was under the spell of *The Lusíads* and especially under that of the giant Adamastor that gained and honorific place in one of his poems» (Kemnitz, 2007: 76).

4. *Onde Vaz, Luís?* ou os avatares camonianos na Polónia

Mencionámos a história (sempre seletiva e incompleta, assim como a vida e a obra de Luís Vaz de Camões) das traduções d'*Os Lusíadas* para polaco. Havia, pois, três traduções «maiores», i.e., dadas à estampa em períodos diferentes da história da Polónia e uma tradução «menor» ou policopiada, realizada em França. A questão colocada pela peça de teatro *...Onde Vaz, Luís?* (Gralheiro, 1983), construída sob a égide da história que ficou à margem de um Camões ora glosado, divinizado e empregue nos mecanismos propagandísticos do Estado Novo salazarista, ora desmistificado e destituído da glorificação no Portugal contemporâneo, sugere a discrepância entre o mito dos descobrimentos portugueses e a realidade daquilo que *Os Lusíadas* traduzidos para outras línguas vêm a significar.

Os tradutores polacos não vão para o Oriente com Luís Vaz de Camões, mas sim colocam a obra traduzida na fila dos poemas épicos eruditos imitados da *Eneida*, de Virgílio. Falámos, pois, em uníssono com Dido moribunda ao ver Eneas afastar-se e a proferir a profecia paradigmática para a literatura do romantismo polaco: «exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor» (*Eneida*, 4, 625), i.e., interpretámos a vida e a obra épica de Camões como o discurso sobre a vinda apregoada de um vingador dos males da Polónia, varrida do mapa da Europa nos anos 1795-1918. O que

não quer necessariamente dizer que na Polónia *Os Lusíadas* se prestassem «a uma multiplicidade de abusos ideológicos» (Rothwell, 2015: 11), mas antes que as traduções camonianas aqui apresentadas se inscreviam no *mainstream* da literatura patriótica, heroica e profética quanto à ressurreição da pátria e da identidade nacional polacas, facto esse ocorrido tão-somente em 1918 e homenageado no seu centenário, após 123 anos das partilhas (Kisielewski, 2018).

A primeira tradução, a *Luzyada...* de Jacek Idzi Przybylski, foi publicada em Cracóvia, em 1790. A segunda, os *Luzyady*, de Zofia Trzeczowska *domo* Mańska (poetisa polaca, esposa de um oficial russo, estudiosa da língua portuguesa durante seis longos anos), foi publicada um século depois, em Varsóvia, no ano de 1890. Pouco mais de um século depois, em 1995 (em Cracóvia), o poliglota e tradutor polaco Ireneusz Kania publicou a sua versão d'*Os Lusíadas*, intitulada *Luzytanie*, tradução essa mantida na convenção de um poema de aventuras para a juventude. Houve, ainda, a *Lusíada* ou a quarta tradução do poema camoniano para polaco, a «menor» (porque dada à estampa de modo policopiado no número simbólico de 44 exemplares), realizada por Dionizy Piotrowski em Boulogne-sur-Mer, em 1875, acompanhada pela tradução de alguns sonetos camonianos; um exemplar desta tradução encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Quanto aos títulos das traduções polacas, a *Luzyada...* de Jacek Przybylski, e a *Lusíada*, de Dionizy Piotrowski, seguem o modelo de *La Henriade*, de Voltaire. Os títulos concebidos como *Luzyady* ou *Luzytanie* encontram-se mais perto da ideia do título ortónimo coletivo *Os Lusíadas*, um neologismo forjado na época do primeiro Renascimento em Portugal pelo humanista André de Resende, veiculando a ideia dos filhos de Luso na sua viagem até às Índias Orientais, sob a égide da Divina Providência e o comando de Vasco da Gama, na severa companhia de alegorias de vícios e virtudes consubstanciados em «divos» ou divindades pagãs.

Sem desejarmos promover uma ficção de ausência em vez de um facto de presença d'*Os Lusíadas* na cultura polaca (apagada hoje e restrita aos círculos universitários e eruditos), tentámos resgatar Camões desses abusos e inscrever a sua biobibliografia na divergência entre o legado da cultura do romantismo vigente na Polónia, entre 1822-1989 (sendo a última das datas o início da época da liberdade política na Polónia, após a Queda da Muro de Berlim), e a realidade das questões que Camões possivelmente levanta e as respostas que ainda fornece aos seus leitores polacos de hoje. Sem decidir se a narrativa camoniana da mitologia imperial portuguesa encontrou — ou não — a sua prorrogação na gesta romântica da Polónia como nação existente *in spiritualibus* dos seus escritores, poetas, viajantes e soldados, mas inexistente no *Mapa Mundi*

na qualidade de um Estado independente no século XIX, podemos constatar que a literatura pode ajudar-nos a perceber — através de traduções e de imitações, em estrofes de verso, fragmentos em prosa e peças de teatro tendo o poeta d'*Os Lusíadas* como protagonista — o que não aconteceu, mas podia ter acontecido nas paragens do rio Vístula e nas ondas do «Sarmático Oceano» (*Os Lusíadas*, III, 10, 9), i.e., do Mar Báltico, se tivessem sido sulcadas, metaforicamente, pelas caravelas dos descobrimentos portugueses.

Ilustração 7 — Capa de *Luzyady...*, 2.ª tradução polaca d'*Os Lusíadas*, de Z. Trzszczkowska, Varsóvia, 1890. Wikimedia Commons.

5. A verdade de Camões ou a continuação da história das relações luso-polacas

Camões — um imitador das fórmulas épicas da Antiguidade greco-romana e do Renascimento italiano — preenche o modelo do poema épico, que se afasta do seu espaço de «baluarte de Ocidente» do continente europeu para enveredar até ao «baluarte de Leste» da Cristandade, onde teriam vivido os eslavos «Rutenos, Moscos, Livónios, os Sármatas, e os Polónios» (*Os Lusíadas*, III, 2, 3-4). O seu sentido de dúvida e de questionamento metodológico racionalista, existencialista e empírico fazem d'*Os Lusíadas* uma obra verdadeiramente moderna, em que se acolhe «um fraco humano» contra as prepotências indignadas com «um bicho da terra tão pequeno» (I, 106, 5, 8), oriundo de um país inexistente no mapa da Europa por 123 anos (1795-1918 ou a época das partilhas).

Camões é símbolo do homem português, nascido do entrecruzamento de vários povos e de civilizações diversas. A sua obra é um convite à meditação sobre o nosso passado de europeus e de cidadãos do mundo e uma responsabilização por um presente e um futuro que devemos projetar e construir no pleno decorrer do terceiro milénio, quando Portugal e a Polónia já se exprimem na língua lusa, tornando-se os Lusitanos e os Polónios irmãos pelo sangue, mesmo pela língua, pelo sentimento pungente, mas ecuménico, de uma Pátria de

peças dispersas pelo mundo, decididas a construir em conjunto o seu próprio lugar no planeta Terra. Não somos, de maneira alguma, adstritos apenas a uma literatura, a um território e a uma história percebidos unicamente como «a subsistência do génio universal dos portugueses» (Eanes, 1978: 65) ou circunscritos à dramática e dolorosa espera de um «vingador ex ossibus» (Inglot, 1971).

Camões conta n'Os *Lusíadas* não somente aquilo que tinha acontecido na época dos Descobrimentos, quando os Portugueses chegaram à Índia, mas o que poderá ainda acontecer, já não no céu empíreo ou numa qualquer habitação de deuses ou de homens bem-aventurados, mas na Europa perturbada no século XIX pela famosa questão polaca, pungente questão essa referida por Adam Zamoyski:

A «questão polaca» assombrou a diplomacia do século XIX como uma consciência pesada, induzindo tanto desconforto nos amigos como nos inimigos da Polónia. A Grã-Bretanha empreendeu muitas iniciativas diplomáticas em nome dos Polacos; a Turquia não perdeu nenhuma oportunidade para demonstrar o seu desagrado em relação às partilhas: a partir de 1830, a câmara dos deputados francesa abriu todas as sessões com uma declaração solene do seu desejo de uma Polónia livre. Mas todos enterravam de imediato a questão debaixo de uma meia dúzia de frases piás sempre que ela começava a ameaçar a estabilidade da Europa. (2010: 231)

Camões convida-nos hoje para uma visita ao espaço cultural antropocêntrico, civil e académico, livre de (re)apropriações d'Os *Lusíadas* por parte de políticos, académicos e de «álbis imaginários» de populismos, nacionalismos, colonialismos e pós-colonialismos. Camões e a sua epopeia enquanto um texto de cultura marcam bem a dimensão histórica de Portugal e da Polónia e constituem, por isso mesmo, um convite e uma responsabilização. Convite à meditação sobre o nosso passado comum de europeus estendidos entre o «cume da cabeça / De Europa toda [...] / Onde a terra se acaba e o mar começa» (Os *Lusíadas*, III, 20, 1-3) e a Vístula e «o Reno frio» (III, 11, 7) ou os aposentos dos Sármatas antigos e dos Polónios. O passado que nos glorifica e compromete e que, simultaneamente, nos responsabiliza por um presente e um futuro que devemos projetar e construir em conjunto, sem tibiezas e sem concessões equívocas.

Camões (lembrando o poema de Jorge de Sena), dirige-se aos seus contemporâneos, *hic et nunc*, em Varsóvia e na Polónia, entre «as dores sofridas de uma língua nova», prevenindo-nos de roubos de «as ideias, as palavras e as imagens» (Sena, 1988: 95) e convida-nos para encontros e debates sobre o futuro da língua portuguesa na Polónia. Camões (Kamoens, como escrevia Adam Mickiewicz, o maior poeta romântico polaco) é o símbolo da nossa cultura luso-polaca e polono-lusa, do nosso passado, presente e futuro tão ricos de realizações multifacetadas, cruzando os campos da história, da literatura,

da linguística, da didática, dos estudos literários, da tradução e outros — o epítome da dimensão universal do nosso destino. O poder misterioso de Camões na Polónia, ou a questão camoniana à polaca — como o reverso criativo da «questão polaca» em Portugal, evocada nos escritos de Maria Danilewicz Zielińska e dos seus predecessores (por ex.: Almeida, 1992; Lima, 1934) e continuadores (por ex.: Milewska, 1991; Cieszyńska, 2018) — sempre foi, ainda o é e sempre será o paradigma de outra forma, mais despojada de eruditismos e não menos ambiciosa — o padrão universal de ser português e de ser polaco/polonês no Mundo. Hoje na Polónia, Camões ainda conta traduções em busca de originais.

Ilustração 8 — Capa de *Luzytanie*, a última tradução polaca d'*Os Lusíadas*, de I. Kania, Cracóvia, 1995. Fotografia de A. Kalewska.

Bibliografia

Impressa

- Almeida, I. (2018). Guerra e paz. Leituras seiscentistas de Camões. *Colóquio/Letras*. **197**: 9-23;
- Almeida, L.F. de (1992). Polónia. Em: J. Serrão (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Figueirinhas. Porto;
- Bowra, C.M. (1945). *From Virgil to Milton*. Macmillan. London;
- Camões, L.V. (1790). *Luzyada Kamoensa, czyli Odkrycie Indyj Wschodnich. Poema w pieniach dziesięciu przekładania Jacka Idziego Przybylskiego*. (Trad. de Jacek Idzi Przybylski). Antoni Grebel. Kraków;
- Camões, L.V. (1890). *Luzyady. Poemat w dziesięciu pieśniach*. (Trad. de Adam M-ski [Zofia Trzeszczkowska]). Lewenthal & Sp. Warszawa;
- Camões, L.V. (1984). *Poezja wybrane*. (Trad. de Józef Waczków e Krystyna Rodowska). LSW. Warszawa;
- Camões, L.V. (1988). *Os Lusíadas*. (Introd. de S.A. Benedito, notas de A. Leitão). Ulisseia. Lisboa;
- Camões, L.V. (1995). *Luzytanie*. (Trad. de Ireneusz Kania). Wydawnictwo Literackie. Kraków;
- Cieszyńska, B. (2018). Sarmatyzm e sebastianizm w perspektywie iberyjsko-słowiańskiej. Wokół lisbońskiego projektu «Vieira Global». *Postscriptum Polonistyczne*. **1** (21): 13-27;
- Danilewicz Zielińska, M. (2005). *Polonica portugalskie*. Biblioteka «Więzi». Warszawa;
- Eanes, R. (1978). Mensagem do Presidente da República, general Ramalho Eanes, publicada no jornal *Comunidades* (Sept.). S.E.C.S. Lisboa;
- Gralheiro, J. (1983). *...Onde Vaz, Luís?* Vega. Lisboa;
- Kalewska, A. (1995). Camões entre os Sármatas e os Polónios (sobre a receção de *Os Lusíadas* na Polónia). Em: M.F.V. Brauer-Figueiredo (org. e coord.). *Actas do 4.º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. LIDEL. Lisboa, Porto, Coimbra. pp. 619-626;

Kalewska, A. (1998). Camões e Sarbievius — Os poetas épicos nos confins de latinidade. Em: T.F. Earle (org. e coord.). *Actas do Quinto Congresso*. Associação Internacional de Lusitanistas. Oxford, Coimbra. 2.º vol. pp. 865-879;

Kalewska, A. (1999). *Camões, czyli trymf epiki*. Wydawnictwa Uniwersytetu Warszawskiego. Warszawa;

Kalewska, A. (2007). Camões as a romantic hero: Biography as the «model for heroism» in the literature of Romanticism in Poland. Em: B.E. Cieszyńska (ed. e introd.). *Iberian and Slavonic Cultures: Contact and Comparison*. CompaRes. Lisbon;

Kalewska, A. (2009). Dramat romantyczny i współczesny w perspektywie polsko-portugalskiego dialogu międzykulturowego. Em: Ł. Grutzmacher, U. Aszyk, A. Flisek e K. Kumor (eds.). *W kręgu literatury i kultury iberyjskiej i iberoamrykańskiej. Migracja i transformacja dyskursów — Dialog międzykulturowy*. Wydawnictwa Uniwersytetu Warszawskiego. Warszawa;

Kalewska, A. (2014). A tradição de Camões na poesia brasileira durante o arcadismo ou a reinvenção do imaginário épico em *O Uruguay* de Basílio da Gama e n' *O Caramuru* de Santa Rita Durão. *Studia Iberystyczne*. Światy języka portugalskiego. **13**: 111-131;

Kalewska, A. (2016). A recepção d'Os *Lusíadas* e o mito de Camões em Itália e na Polónia. Em: M. Graziani, O. Abbati e B. Gori (eds.). *La spugna è la mia anima. Omaggio a Piero Ceccucci*. Firenze University Press. Firenze;

Kalewska, A. (2019). A intertextualidade camonianiana em ...*Onde Vaz, Luís?* (1983) de Jaime Gralheiro ou Luís Vaz de Camões revisitado no teatro português contemporâneo. *Studia Iberystyczne*. 2018/**17** (no prelo);

Kemnitz, E.M. von (2007). A vision from the other bank, Maria Danielewicz Zielinska's contribution to the history of the Polish-Portuguese relations. Em: B.E. Cieszyńska (ed. e introd.). *Iberian and Slavonic Cultures: Contact and Comparison*. CompaRes. Lisbon;

Lima, H. de C.F. (1934). *Relações entre Portugal e a Polónia*. Tipografia Minerva. Vila Nova de Famalicão;

Milewska, E. (1991). *Związki kulturalne i literackie polsko-portugalskie w XVI-XIX wieku*. CESLA. Warszawa;

Rothwell, P. (2015). Camões ainda conta cópias em busca de originais. (Trad. de Rui Pires Cabral). *Colóquio/Letras* (Sept.). **189**: 7-23;

Sena, J. de (1988). *Poesia II*. Edições 70. Lisboa;

Siewierski, H. (2000). *História da literatura polonesa*. UnB. Brasília;

Zamoyski, J. (2010). *História da Polónia*. (Trad. de Miguel Mata). Edições 70. Lisboa.

Digital

Garrett, A. (2017). *Camões*. Biblioteca Digital — Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa [Versão eletrónica]. Porto Editora. Porto. Acedido em 29 de dezembro de 2018, em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/explorar-por-autor.html?aut=1049>;

Inglot, M. (1971). «Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor» w literaturze i historii polskiej [«Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor» na literatura e história polaca]. *Pamiętnik Literacki*, 62 (1): 57-80. Acedido em 1 de janeiro de 2019, em: http://bazhum.muzhp.pl/media//files/Pamietnik_Literacki_czasopismo_kwartalne_poswiecone_historii_i_krytyce_literatury_polskiej/Pamietnik_Literacki_czasopismo_kwartalne_poswiecone_historii_i_krytyce_literatury_polskiej-r1971-t62-n1/Pamietnik_Literacki_czasopismo_kwartalne_poswiecone_historii_i_krytyce_literatury_polskiej-r1971-t62-n1-s57-80/Pamietnik_Literacki_czasopismo_kwartalne_poswiecone_historii_i_krytyce_literatury_polskiej-r1971-t62-n1-s57-80.pdf;

Kisielewski, J.J. (2018, 15 de novembro). Centenário da recuperação da independência da Polónia [versão eletrónica]. *Diário de Notícias*, s.p. Acedido em 1 de janeiro de 2019 em: <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/centenario-da-recuperacao-da-independencia-da-polonia-10185341.html>.